

## **Páginas Formando Leitores: um projeto de incentivo à leitura**

Profa. Ma. Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo<sup>1</sup> (UESB)

### **Resumo:**

*O projeto de extensão continuada denominado **Páginas formando leitores**, que há oito anos atua em Jequié/BA, diante da falta de acesso à leitura literária que atinge uma parcela da sociedade, busca sustentação em pressupostos teóricos inspirados na estética da recepção que fundamentam pesquisas do Centro de Estudos da Leitura (CEL/UESB) para desenvolver, juntamente com estudantes do curso de Letras e jovens leitores, oficinas, círculos de leitura, minicursos e organização de salas de leitura, visando à formação de novos leitores e mediadores de leitura. Uma síntese dessas ações, de sua metodologia e dos resultados alcançados é o que se apresenta aqui, na certeza de que, através da divulgação do projeto, será possível trocar experiências e incentivar novas iniciativas que compartilhem os objetivos do projeto.*

**Palavras-chave:** leitores, mediadores de leitura, projeto.

## **1 Introdução**

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.  
Como desencantá-la?

(Carlos Drummond de Andrade. A palavra mágica.)

Desencantar as palavras adormecidas nos livros à espera de leitores. Despertar leitores adormecidos. Formar mediadores de leitura. Ressignificar práticas de leituras. Sonhar e realizar. Como fazer? Tal empreitada, é possível tecer sozinho, sozinha? João Cabral de Melo Neto (2008) nos alerta que “um galo sozinho não tece uma manhã”. E, por não duvidar dos poetas, o projeto de extensão continuada **Páginas formando leitores** se constituiu.

É na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, que as ações do projeto, vinculado ao **Programa Estação da Leitura** e ao Centro de Estudos da Leitura, ganham corpo para tornar-se realidade. O Centro de Estudos da Leitura foi criado em 2005, mas as ações do **Programa Estação da Leitura** se vêm desenvolvendo desde 1991. Nesses mais de 20 anos, a iniciativa floresceu com a adesão de professores e estudantes bolsistas de pesquisa e extensão, monitores de disciplinas e voluntários que a ele se filiaram, dinamizando suas ações.

Destacam-se, nos últimos anos, realizações na pesquisa, no ensino e na extensão, em relação à qual teceremos algumas considerações a partir das ações do projeto extensionista **Páginas formando leitores** que, em 2013, completa oito anos de atuação na universidade.

Embora tenha sido implantado na UESB apenas em 2004, o projeto teve início no final da década de 1990, em colégios da rede pública estadual, onde lecionávamos literatura brasileira na educação básica. Na oportunidade, pudemos constatar que os alunos oriundos das classes populares, quando tinham acesso aos livros, liam e liam com muito entusiasmo textos literários escolhidos por eles e adquiridos em grupo, porque não podiam comprá-los individualmente. Assim, formamos nossa biblioteca. Não tivemos sede nem prateleiras,

porque os livros circulavam entre os estudantes, que trocavam livros e experiências leitoras com colegas de classe e de outras turmas.

Essas experiências e outras, não tão animadoras, entre as quais destacamos depoimentos de professores descomprometidos com a formação leitora de seus alunos, impulsionaram seu redimensionamento, quando firmou-se como projeto extensionista da UESB, mais precisamente no curso de Letras. O projeto volta-se, nessa nova fase, para a formação não só de leitores, mas de mediadores de leitura. Entendemos que os discentes do curso de Letras têm um duplo desafio a vencer ao longo de sua vida acadêmica: tornarem-se leitores e refletir a respeito das estratégias que lhes possibilitem contribuir, como futuros educadores, para a formação de novos leitores. Entretanto, como atuar conscientemente na constituição de leitores se lhes faltam experiências significativas com a leitura?

A situação parece agravar-se, no ensino médio, com a estruturação da disciplina **Literatura** sobre bases históricas e biográficas, como revelam currículos e livros didáticos do ensino médio. A sucessão de estéticas literárias, a ênfase no cânone, em dados biográficos de autores são os pontos centrais do estudo da literatura como disciplina escolar, em detrimento da leitura de obras literárias e da recepção por parte do leitor. O texto literário aparece nos livros didáticos fragmentado, com o objetivo único de comprovar as características elencadas como pertencentes ao estilo no qual autor e obra são enquadrados.

O estudante, que poderia tornar-se um leitor mais crítico, mais atento às possibilidades de uso da palavra, com o ensino sistematizado de literatura, revela-se cada vez menos estimulado a ler textos literários, como comprovam pesquisas realizadas por Cyana Leahy-Dios (2004. p. 213): “os alunos brasileiros cuja experiência anterior de leitura fora positiva e satisfatória até o início de ensino médio, à medida que iam se aprofundando no programa de estudos, sentiam decrescer seu interesse na leitura para auto-satisfação ou prazer estético” e, em Leahy-Dios (2001. p.23): “Eu lia muito, antes de estudar literatura na escola. Agora não leio mais. Estragou tudo” (depoimento de aluno do segundo ano do ensino médio).

Reverter esse quadro de distanciamento do literário é o desafio que os cursos de Letras vivenciam. As pesquisas do **Programa Estação da Leitura**, juntamente com as atividades de ensino e extensão, buscam atuar na formação dos discentes em Letras, despertando-os para a leitura verbal e não verbal e instrumentalizando-os na realização das leituras literárias.

O projeto de extensão **Páginas formando leitores**, apesar das dificuldades enfrentadas, como o espaço restrito para o planejamento de ações e os escassos investimentos recebidos, é incentivado pela “avidez dos leitores”, que o impulsionam a “adentrar pelas intrincadas relações entre leitura, cultura e sociedade e compreender que o ato de leitura, embora resulte de investimento individual, está condicionado aos processos sociais, produzindo um sentido e se inserindo em uma dinâmica na qual o leitor se modela” (CORDEIRO, 2006. p. 304).

É no contato com a palavra, com seu caráter polissêmico, que o aluno pode se constituir um sujeito-leitor, não só do texto escrito, mas também do inscrito nas páginas de sua história. Para isto, é necessário redimensionar práticas e embasá-las em pressupostos teóricos que reposicionem o leitor em outro patamar nos estudos literários. Quais as concepções de leitor e de leitura fundamentam as ações do **Páginas formando leitores**? Quais conceitos de texto sustentam essas ações? Apresentaremos sucintamente essas noções antes de adentrar nos objetivos específicos do projeto e suas ações.

## 2 Pressupostos teóricos norteadores

Trilhar os caminhos que valorizam o leitor não é tarefa simples. Para chegar a ele, foi preciso driblar a pergunta “O que o autor quis dizer?” tantas vezes ouvida nas aulas de

literatura. Nelas, era ensinado a dissecar o texto, sua estrutura e funcionamento. Decifrar os “enigmas” da linguagem literária e aceitar a crítica, se possível, sem maiores questionamentos. Tudo isso, para alcançar o título de **bom leitor** dado pelos **mestres** do passado e do presente, que ainda insistem nas mesmas práticas limitadoras. Era preciso também aceitar a imposição do romance a ser lido e encenado, do poema a ser declamado, do escritor a ser aclamado. Todas estas imposições eram e são aceitas sem questionamentos? Certamente não. Por isto existem leitores e estudos voltados para suas inquietações.

Historicamente, o leitor ganhou visibilidade a partir de estudos desenvolvidos, no final da década de 1960, pelo crítico Hans Robert Jauss, que resultaram na formulação teórica da estética da recepção. Ele reconhece a necessidade de voltar-se para o leitor e colocá-lo como protagonista do processo de construção de significados, pois “tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor” (JAUSS, 1994. p. 23).

Jauss propõe que as tradicionais estéticas da produção e da representação sejam substituídas, ou renovadas, a partir da estética da recepção. Ele busca “superar o abismo entre literatura e história, entre o conhecimento histórico e estético” (1994. p.22). O teórico encontra em Hans Georg Gadamer, um de seus principais mestres, os pilares para erguer os pressupostos da teoria, sobre a qual se mantém atento às críticas e aberto às correções e contribuições.

Essa discussão foi acirrada pela rebelião estudantil no final da década de 1950 e início da década de 1960, na Alemanha, ampliando o conflito em torno do papel das universidades, através do questionamento dos currículos e cursos e da exigência de novas propostas para o ensino superior. O ensino de literatura também foi abalado. A busca pela intenção do autor ou pela mensagem textual, em detrimento do papel ativo do leitor, não poderia mais ser aceita passivamente. Sendo assim, foi necessário voltar-se para o leitor e examinar, no lugar da intenção do autor, o impacto do texto sobre o leitor e, no lugar da busca da mensagem textual, a relação estabelecida, no ato da leitura, entre o autor, o texto e o leitor. O desenvolvimento de novos paradigmas para se pensar a relação entre texto, leitor e o ensino de literatura nas academias acirrou a discussão teórica em torno dos princípios da interpretação.

Reportamo-nos ao contexto contemporâneo, mais precisamente à pesquisa de doutorado realizada por Leahy-Dios (2004). Ela analisa e interpreta dois paradigmas de ensino de literatura: o primeiro modelo é o inglês, o segundo, brasileiro, um contexto mais próximo, no qual estamos inseridos. Os resultados da pesquisa indicam que ainda vigoram na educação literária brasileira (e inglesa) os princípios idealistas e positivistas. A ênfase dada ao conhecimento, à abordagem cronológica dos movimentos literários, aos saberes canônicos, à “cultura do silêncio”, marcada pela ausência de discussões “de natureza social, cultural e política”, à leitura fragmentada e à falta de problematização das temáticas textuais, entre outros aspectos, levaram a pesquisadora a concluir que, “sem instrumentos para pensamento, reflexão, troca e engajamento político, educar pela literatura continuará sendo obrigação difícil, seletiva, desagradável e impopular (no Brasil)” (LEAHY-DIOS, 2004. p. 218). Para a autora, a experiência literária em sala de aula deveria dar espaço ao “crescimento estético, cultural, pessoal e sociopolítico, na real acepção do cruzamento de fronteiras cognitivas” (2004. p. 239). Entretanto, a herança positivista é ainda marcante, e a influência do modelo jesuítico de educação enciclopédica vigora aqui e ali. Os pressupostos teóricos da estética da recepção podem contribuir para o redirecionamento dos estudos literários em sala de aula. Para isto, os cursos de Letras necessitam uma reordenação de seus princípios no que se refere à formação dos novos profissionais de ensino e pesquisadores.

Nesse sentido, a concepção de leitor que deve embasar esse redimensionamento visando à constituição de novos leitores é a de leitor real, definido por Proust como aquele que “vai para o texto com suas próprias normas e valores” e ao mesmo tempo, tem as suas normas e valores “modificados pela experiência leitora” (COMPAGNON, 2010. p.146). Antoine Compagnon ao apresentar as ideias de Proust, acrescenta:

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos. (COMPAGNON, 2010. p.146).

Para que o leitor sinta-se aberto a reformular suas expectativas ou a reinterpretar suas leituras, é necessário que ele esteja inserido em um ambiente que lhe possibilite a liberdade de colocar-se e de vivenciar o texto, a ponto de poder participar da constituição do sentido, visto como “um efeito experimentado pelo leitor, e não um objeto definido, preexistente à leitura”, como nos lembra Compagnon (2010. p.147) ao apresentar as ideias de Wolfgang Iser.

Sendo assim, o mediador de leitura, quer seja o professor da área de Letras ou de outra área, que assuma o papel de contribuir para a formação de seus alunos nessa área, precisa expô-los a variadas experiências leitoras, buscando, na temática e na estética veiculadas no texto, despertar-lhe o prazer e/ou a fruição. Estes, prazer e fruição, são concebidos a partir das ideias de Roland Barthes, conforme ele define em **O prazer do texto** (2004):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura. Texto de fruição: aquele que põe um estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2004. p. 20, 21, grifo do autor).

Indo além da noção de sentido como algo a ser experimentado pelo leitor, Barthes acrescenta à noção de texto como “tecido”, “um véu todo acabado”, o que ele chama de “idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo” (2004. p. 74), do qual o leitor participa ao interagir com o texto, deixando algo de si na constituição do tecido textual, cujas ideias não estão totalmente acabadas, mas (re)construem-se permanentemente na interação com novos leitores.

A partir dessas noções teóricas, buscamos construir nossas ações, não perdendo de vista que o acesso ao livro é outro elemento a ser considerado, quando se trata de formação de leitores. Se, por um lado, há instituições de ensino desprovidas de bibliotecas ou de acervo atualizado e diversificado ou ainda de profissionais qualificados para orientar os alunos e desenvolver ações significativas de incentivo à leitura, por outro lado, fora do espaço escolar há crianças, jovens e adultos mais afastados ainda de espaços onde a leitura de textos literários (e não literários) pode ser fomentada. As bibliotecas públicas, quando existem, principalmente em cidades de pequeno e médio porte, não atendem às necessidades da população, porque, além de apresentarem os mesmos problemas das bibliotecas escolares, apresentam outros, como a distância entre elas e bairros populares mais afastados dos centros urbanos.

Ao duplo desafio dos estudantes de Letras, formar-se leitor e constituir novos leitores, ao qual nos referimos anteriormente, soma-se outro: intervir na dificuldade de acesso aos textos literários e não literários. Considerando esse contexto, o projeto de extensão **Páginas formando leitores** constrói seus objetivos e desenvolve suas ações.

### 3 Traços metodológicos

Ao longo da execução do projeto, procuramos propiciar aos alunos a possibilidade de participar de grupos de estudos, de pesquisa, minicursos, palestras, entre outras ações de formação leitora desenvolvidas pelo Programa Estação da Leitura, ao qual nos vinculamos. Destacamos, dentre essas ações, duas edições do Encontro Nacional de Leitura e Literatura Infantojuvenil (ENLLIJ), a primeira em 2005 e a segunda em 2008, que tiveram a participação de pesquisadores e professores de todo o Brasil, reunidos em torno da fomentação da leitura e da literatura.

Outro objetivo do projeto extensionista **Páginas formando leitores** é proporcionar aos graduandos em Letras da UESB (e em outras licenciaturas) o contato com comunidades populares de Jequié, integrando-os a elas através do desenvolvimento de ações que favoreçam o seu crescimento profissional e como pessoa humana. Entre essas atividades, incentivamos comunidades que já dispõem de espaço de leitura, a ampliar e organizar seu acervo. Para tanto, campanhas de arrecadação de livros e periódicos são desenvolvidas na universidade. Buscamos incentivar os alunos de Letras a mediar, sob a orientação de profissionais, ações de incentivo à leitura, como oficinas e círculos de leitura, em um ambiente propício à constituição de sentidos, à troca de informações e conhecimentos, em espaços escolares e não escolares.

Nessas ações, é importante vivenciar a literatura como veículo de interpretação da realidade e expressão de sentimentos e emoções, favorecendo o desenvolvimento do senso crítico a partir do contato com textos literários e não literários, verbais e não verbais. Através delas, visamos a integrar a comunidade na busca pelo bem comum, desenvolvendo a cidadania e o espírito de cooperação, promovendo o ser humano naquilo que ele tem de mais humano: o pensamento criativo, a imaginação e a emoção.

Inicialmente, o que determina as ações que iremos desenvolver é o tempo disponível do aluno voluntário para participar do projeto. Em seguida, o público com o qual pretende interagir e o espaço no qual pretende se inserir – escolar ou não escolar. Definida sua disponibilidade, conhecidas suas experiências como leitores e conhecimentos prévios, é necessário delimitar o campo de atuação, bem como o definir o público com o qual iremos interagir. Em um ambiente escolar, com estudantes da educação básica, dividimos o público entre alunos do sexto e do sétimo anos, do oitavo e nono anos e do ensino médio. Estes três grupos são estabelecidos para atender aos interesses temáticos próprios de idades específicas.

Antes de elaborar subprojetos de leitura, uma das possibilidades é a realização de pesquisa, junto aos estudantes da educação básica, visando ao levantamento de temas que gostariam de ver contemplados nas oficinas ou círculos de leitura, bem como conhecer suas experiências leitoras, seus incentivadores do ato de ler e como se dá o acesso aos textos. Dentre os temas sugeridos nas pesquisas realizadas, destacamos os que envolvem a sexualidade, o meio ambiente, as relações familiares, o uso de drogas, o abandono de menores, a prostituição, a violência, a relação entre o jovem e o mercado de trabalho, o racismo e a homofobia. Todos estes já foram temas de oficinas de leitura.

Após a análise dessas informações, os licenciandos em Letras elaboram seus subprojetos de leitura, definindo o tema gerador, a(s) obra(s) literária(s) a ser(em) lida(s), outros textos verbais e não verbais que podem ser relacionados com ela(s), além de traduções de obras literárias para outras linguagens: fílmicas, quadrinizações, composições musicais, etc. Nesse planejamento, são contemplados momentos de constituição de sentidos considerando o contexto de produção e de recepção dos textos lidos e possíveis atualizações da obra pelo leitor real, ao interagir com os textos selecionados.

A partir das leituras propostas e expressão (interação) oral previstas, são propostos momentos de expressão (interação) escrita, quer seja a partir da produção de textos argumentativos, narrativos e/ou poéticos, quer seja através da elaboração de cartazes, panfletos e cartilhas. São possibilidades, das quais fazemos uso, considerando, como dissemos, o grupo com o qual estabelecemos relação e suas expectativas.

Quanto às ações em espaços não escolares ou comunitários, estas são desenvolvidas a partir do contato inicial com elas, realizado por algum aluno da universidade, morador do local, ou por um membro da comunidade que entra em contato conosco para estabelecer parceria. Auxiliamos na organização de salas de leitura, na ampliação e organização do acervo e no desenvolvimento de ações de incentivo à leitura. Buscamos atender às suas necessidades, quanto ao acesso à leitura. Já atuamos em associações de moradores, salões comunitários e salas situadas em espaços religiosos. Desenvolvemos também ações em cursos preparatórios para vestibulares mantidos pela comunidade, cujos professores são voluntários moradores dessas localidades. Apoiar iniciativas sociais e inserir discentes de Letras nesses contextos amplia suas possibilidades de atuação, suas experiências formadoras e desenvolve sua cidadania.

Ao longo dos quase oito anos de atuação do projeto **Páginas formando leitores**, foram desenvolvidas dezenas de oficinas de leituras, cuja carga horária varia entre três e vinte horas. Os círculos de leitura duram aproximadamente três horas e os minicursos de formação de mediadores oito horas, no mínimo. Estes são ministrados por profissionais da instituição e convidados, que se dedicam à formação de leitores e mediadores de leitura. Destacamos a seguir algumas experiências vivenciadas, na intenção de compartilhar com os nossos leitores, participantes do XIII Congresso Internacional da Abralic, do simpósio voltado para o ensino de literatura e outros, que motivaram o debate em torno da arte literária.

#### **4 Experiências de leitura e resultados**

A primeira experiência do projeto, na UESB, foi a realização de três oficinas de leitura na comunidade religiosa do bairro São José Operário, no primeiro semestre de 2006, cada uma delas com 20 horas de duração. Nessa comunidade, reúne-se um grupo de convivência formado por pessoas da terceira idade e, como convidamos os jovens para participar da oficina de (re)leitura de contos infantis e outros da oficina teatral, um estudante de Letras propôs desenvolver uma oficina de leitura com os idosos, tendo como tema a festa junina de São João (que estava próxima), com leituras sobre a festa no passado e nos dias atuais. Para isto, cada idoso levaria um jovem (neto, sobrinho ou amigo) para juntos poderem ler e reler as festas juninas.

Foi uma experiência significativa, com narrativas orais e escritas, com a presença de contadores de histórias, cantores populares, repentistas e depoimentos de jovens e idosos sobre suas experiências e participações nas referidas festas. No encerramento, realizamos uma festa junina diferente, em que cada oficina de leitura encenou para as demais as leituras realizadas, com músicas, danças, dramatizações e comidas típicas.

Outra experiência mais recente foi a comemoração do centenário de nascimento do escritor Jorge Amado, quando realizamos oficinas de leitura no colégio quilombola Dr. Milton Santos, no ano de 2011. Os romances do autor foram escolhidos pelos formandos em Letras, com os quais desenvolvemos parceria no Estágio Supervisionado de Extensão. Inicialmente, os formandos demonstraram certo preconceito em relação à produção amadiana, não por conhecê-la como leitores, mas por conhecer críticas desfavoráveis à obra desse escritor. Foi preciso (re)ler os romances e ler outras críticas sobre eles, conhecer pesquisas com base nos estudos culturais, que trazem novos parâmetros de leitura e de avaliação de

produções culturais não canônicas. Sendo assim, os preconceitos foram diluídos e os estudantes de Letras puderam se identificar com as obras escolhidas e propor ações de leitura a partir delas.

As oficinas de leitura foram desenvolvidas com jovens do ensino fundamental e os livros escolhidos foram aqueles avaliados pelos formandos em Letras como os mais apropriados à idade dos novos leitores, por abordarem temas voltados à experiência de jovens, como **O menino grapiúna** (2010), **Capitães da areia** (2008), **O gato Malhado e a andorinha Sinhá** (2008) e outro, que não se enquadra na mesma abordagem, mas que estava em evidência no momento, **Gabriela, cravo e canela** (2012), por causa da novela veiculada numa rede aberta de televisão. As leituras e discussões em sala de aula, com os alunos que se dispuseram a participar das oficinas em turno oposto ao de estudo, foram desafiadoras e surpreenderam os formandos. Para exemplificar, a fábula **O gato Malhado e a andorinha Sinhá** provocou discussões a cerca da homofobia e gerou depoimentos; a leitura de **Gabriela, cravo e canela** suscitou debates sobre os papéis sociais desempenhados pela mulher, comentários sobre suas conquistas e uma avaliação sobre a sociedade patriarcal, além de despertar nos jovens leitores o desejo de conhecer outros romances do escritor Jorge Amado.

Além das oficinas de leitura, o projeto desenvolve semanalmente círculos de leitura com jovens atendidos pelo projeto **Projovem**, no Centro de Referência e Assistência Social (Cras), em dois bairros da cidade, com os quais estabelecemos parceria. Esses jovens, considerados como em situação de risco, são atendidos em turno oposto ao que estudam e o Projovem desenvolve várias atividades, das quais participamos com os círculos de leitura e com a implantação de sala de leitura nesses dois espaços. As salas dispõem de obras literárias, revistas culturais e científicas, além de livros didáticos. Os jovens recebem orientação de leitura, podem tomar emprestadas as obras disponíveis e participar também de oficinas de leitura. As obras literárias (e não literárias, verbais e não verbais) lidas nas atividades de leitura são sugeridas por eles, pelos mediadores de leitura e coordenadores do projeto. Uma bolsista do projeto atua semanalmente nesses espaços, além de outros alunos voluntários. Inauguramos uma sala de leitura em 2009 e a outra em 2011. Nelas buscamos desenvolver ações contínuas, apesar das dificuldades em atuarmos em espaços mantidos pelo poder público, que nem sempre funciona com deveria.

Por outro lado, não é fácil despertar o interesse pela leitura nesses jovens que não tiveram experiências leitoras significativas na família e na escola. Alguns têm dificuldades com a decifração do código escrito, mesmo cursando uma série a partir do quinto ano do ensino fundamental. Os avanços vêm lentamente, entretanto, as dificuldades tornam cada conquista uma vitória a ser comemorada. Por isso aceitamos o desafio constante de nos mantermos nesses espaços, reafirmando continuamente o compromisso social e acadêmico, revitalizados pelos depoimentos colhidos ao final de cada ação: “Eu aprendi sobre Jorge Amado, sobre sua história, cultura e até mesmo pelo seu sonho que era combater o preconceito” (L. O.). “[...] consegui vencer minha timidez ao exercitar a leitura em voz alta e em público” (A. R.). “Achei muito interessante o trabalho em equipe, que mostrou o quanto precisamos uns dos outros em nossa vida” (J. R.). “O que foi mais importante, foi [sic] os textos que lemos e as dramatizações que fizemos em sala de aula, assim aprendemos a ler melhor e aprendemos coisas e palavras que desconhecíamos” (A. T.). “Foi muito legal, pois eu aprendi que não devemos ter medo e vergonha de expressar sentimentos” (R.).

Nesses oito anos de atuação na cidade de Jequié, foram doados ao projeto cerca de 1.400 títulos, entre livros, periódicos e cadernos de cursos preparatórios para vestibular, que ajudaram a compor o acervo das duas salas de leitura que mantemos. Além disso, doamos os cadernos aos cursos comunitários e, à biblioteca Jorge Amado, da UESB, campus de Jequié,

obras em braile. Todo esse material foi fornecido por técnicos, discentes e docentes da universidade, fomentando, assim, a responsabilidade social com a formação leitora e contribuindo para o fortalecimento do projeto. Não podemos deixar de registrar que anualmente concorremos ao financiamento interno da universidade para projetos extensionistas e sempre somos contemplados. Já tivemos sete alunos bolsistas de extensão, que auxiliam diretamente nas ações, além de alunos que atuam de forma voluntária e esporádica, condizente com suas disponibilidades.

### **Considerações finais**

Acreditamos que, nos oito anos de atuação, mobilizamos alunos do curso de Letras a aceitar o desafio de atuar na formação de novos leitores, constituindo-se também como leitores críticos e conscientes de sua função profissional e social. Embora não seja fácil ultrapassar os muros acadêmicos, que por vezes nos afastam das necessidades das comunidades que nos cerca, conseguimos vencer algumas barreiras, propor alternativas de leitura de mundo a partir da palavra escrita, indo ao encontro das ideias difundidas por Paulo Freire.

Nesse sentido, não podemos perder de vista as relações intrínsecas entre a pesquisa, o ensino e a extensão acadêmica. A extensão é alimentada pela pesquisa e pelo ensino, e estes são revitalizados por experiências extensionistas, dando sentido ao fazer acadêmico, reavaliando práticas e impulsionando novas ações. Sendo assim, reafirmamos a necessidade aos que se propõem a atuar como mediadores de leitura embasar-se em teorias que coloquem o leitor como protagonista no processo de constituição de sentidos, promovendo o debate de ideias, a expressão de sentimentos e a interação verbal. O aprofundamento em torno das especificidades do literário surgirá naturalmente, quando as discussões evidenciarem a necessidade do leitor em enveredar por caminhos teóricos melhor constituídos.

Do profissional de Letras em processo de formação espera-se o compromisso de constituir-se leitor e pesquisador, de fazer-se leitor e mediador de leitura, difundindo a arte literária, promovendo a leitura de textos verbais e não verbais, literários e não literários, pois estes interagem na constituição de leitores do texto e do mundo que nos cerca. Por fim, na escuta do que dizem as novas gerações, precisamos aceitar novos desafios e nos apropriar de novas tipologias textuais, para não perdermos de vista os jovens leitores em processo de formação.

### **Referências Bibliográficas**

- 1] AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- 2] \_\_\_\_\_. **Gabriela, cravo e canela**. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.
- 3] \_\_\_\_\_. **O gato Malhado e a andorinha Sinhá**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- 4] \_\_\_\_\_. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- 5] ANDRADE, Carlos Drummond de. **A palavra mágica**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- 6] BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- 7] COMPAGNON, A. O leitor. In.: \_\_\_\_\_. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Tradução Cleonice P. B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 137-161.



- 8] CORDEIRO, Verbena Maria R. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: SOUZA, E. C. (Org.). **Autobiografia, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EdIPUCRS; Salvador: Eduneb, 2006.
- 9] JAUSS, Hans R. **A história da literatura como provocação da história literária**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- 10] LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- 11] LEAHY-DIOS, Cyana; LAGE, Claudia (colab.). **Língua e literatura: uma questão de educação?** Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- 12] MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Alfabeta, 2008.

---

<sup>i</sup> **Ana Sayonara MARCELO, Profa. Ma. em Estudo de Linguagens.**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Departamento de Ciências Humanas e Letras.

e-mail [anasayonara@hotmail.com](mailto:anasayonara@hotmail.com) e [paginas.uesb@outlook.com](mailto:paginas.uesb@outlook.com)